

A SEMANA – 148

John Gledson

Ambos os assuntos tratados nesta crônica são reflexos do Encilhamento, o conto do vigário pelo tema do dinheiro falsificado – tantos bancos podiam imprimir dinheiro que os falsificadores pulularam (ver, por exemplo, a crônica de 29 de janeiro de 1893 [41]). Do jogo do bicho Machado já tratou nas três crônicas anteriores a esta: vê-se que começava o processo que levaria à sua expulsão do seu lugar de origem.

Esta crônica foi incluída por Mário de Alencar na sua antologia de *A Semana* (p. 209-211) publicada em 1914, com o título de “Conto do vigário”. Ele omitiu os dois parágrafos finais, sobre o jogo do bicho. Compreende-se: parece que até Machado achou difícil inventar uma transição fluida (ou não se importou).



A SEMANA

31 de março de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

De quando em quando aparece-nos o conto do vigário. Tivemo-lo esta semana, bem contado, bem ouvido, bem vendido, porque os autores da composição puderam receber integralmente os lucros do editor.

O conto do vigário é o mais antigo gênero de ficção que se conhece. A rigor, pode crer-se que o discurso da serpente, induzindo Eva a comer o fruto proibido, foi o texto primitivo do conto. Mas, se há dúvida sobre isso, não a pode haver quanto ao caso de Jacó e seu sogro.¹ Sabe-se que Jacó propôs a Labão que lhe desse todos os filhos das cabras que nascessem malhados. Labão concordou, certo de que muitos trariam uma só cor; mas Jacó, que tinha plano feito, pegou de umas varas de plátano, raspou-as em parte, deixando-as assim brancas e verdes a um tempo, e, havendo-as posto nos tanques, as cabras concebiam com olhos nas varas, e os filhos saíam malhados. A boa-fé de Labão foi assim embaçada pela finura do genro; mas não sei que há na alma humana que Labão é que faz sorrir, ao passo que Jacó passa por um varão arguto e hábil.

O nosso Labão desta semana foi um honesto fazendeiro do Chiador,² que, estando em uma rua desta cidade, viu aparecer um homem, que lhe perguntou por outra rua. Nem o fazendeiro, nem o outro desconhecido que ali apareceu também, tinha notícia da rua indicada. Grande aflição do primeiro homem recentemente chegado da Bahia, com vinte contos de réis de um tio dele, já falecido, que deixara dezesseis para os naufragos da *Terceira* e quatro para a pessoa que se encarregasse da entrega.³

¹ Gênesis 30:25-43.

² Pequena cidade mineira, na região de Mar de Espanha. A notícia aparece assim na *Gazeta* na quinta-feira, dia 28, na primeira página: “O Sr. Jesuíno dos Santos Werneck, proprietário da fazenda *Minerva*, no Chiador, ontem, às nove horas da noite, caiu como um *patinho* no célebre *conto do vigário*, deixando-se engazopar por dois gatunos, que lhe subtraíram 1:075\$000 em dinheiro, dando-lhe em troca um embrulho de jornais, que disseram conter 20:000\$ para as vítimas da barca *Terceira*. / O Sr. Werneck queixou-se ao Sr. Dr. 2º delegado auxiliar. / Há de ganhar muito com isso.” Pelos detalhes que dá (Casa Leitão, largo de Santa Rita, etc.), vê-se que Machado também leu outra notícia, no *Jornal do Commercio* do mesmo dia, na p. 1, coluna 7, seção *Gazetilha*, sob o título “Conto do vigário”.

³ Para o desastre da *Terceira*, que aconteceu no dia 6 janeiro e cujas vítimas continuavam sendo objeto de doações, ver a crônica de 13 janeiro de 1895 (137), nota 8.

Quem é que, nestes ou em quaisquer tempos, perderia tão boa ocasião de ganhar depressa e sem cansaço quatro contos de réis? eu não, nem o leitor, nem o fazendeiro do Chiador, que se ofereceu ao desconhecido para ir com ele depositar na casa Leitão, largo de Santa Rita, os dezesseis contos, ficando-lhe os quatro de remuneração.

– Não é preciso que o acompanhe, respondeu o desconhecido; basta que o senhor leve o dinheiro, mas primeiro é melhor juntar a este o que traz aí consigo.

– Sim, senhor, anuiu o fazendeiro. Sacou do bolso o dinheiro que tinha (um conto e tanto), entregou-o ao desconhecido, e viu perfeitamente que este o juntou ao maço dos vinte; ação análoga à das varas de Jacó. O fazendeiro pegou do maço todo, despediu-se e guiou para o largo de Santa Rita. Um homem de má-fé teria ficado com o dinheiro, sem curar dos naufragos da *Terceira*, nem da palavra dada. Em vez disso, que seria mais que deslealdade, o portador chegou à casa do Leitão, e tratou de dar os dezesseis contos, ficando com os quatro de recompensa. Foi então que viu que todas as cabras eram malhadas. O seu próprio dinheiro, que era de uma só cor, como as ovelhas de Labão, tinha a pele variegada dos jornais velhos do costume.

A prova de que o primeiro movimento não é bom é⁴ que o fazendeiro do Chiador correu logo à polícia; é o que fazem todos. Mas a polícia, não podendo ir à cata de uma sombra, nem adivinhar a cara e o nome de pessoas hábeis em fugir, como os heróis dos melodramas, não fez mais que distribuir o segundo milheiro do conto do vigário, mandando a notícia aos jornais. Eu, se algum dia os contistas me pegassem, trataria antes de recolher os exemplares da primeira edição.

Aos sábios e pacientes recomendo a bela monografia que podem escrever estudando o conto do vigário pelos séculos atrás, as suas modificações segundo o tempo, a raça e o clima.⁵ A obra, para ser completa, deve ser imensa. É seguramente maior o número das tragédias, tanta é a gente que se tem estripado, esfaqueado, degolado, queimado, enforcado, debaixo deste belo sol, desde as batalhas de Josué até aos combates das ruas de Lima, onde as autoridades sanitárias, segundo telegramas de ontem, esforçam-se grandemente por sanear a cidade “empestada⁶ pelos cadáveres que ficaram apodrecidos ao ar livre”.⁷ Lembrai-vos que eram mais de mil, e imaginai que o

⁴ Aqui, no texto da *Gazeta*, há “é o”, sem dúvida erro tipográfico, repetido por Mário de Alencar, e corrigido por Aurélio.

⁵ Tradução livre do famoso “race, milieu et moment” de Hippolyte Taine (1828-1893), os três conceitos básicos, segundo ele, para fundamentar uma história científica da literatura.

⁶ Assim na *Gazeta*. Ambos, Mário de Alencar e Aurélio, põem “empestada”, embora a versão do jornal seja também correta (e copiada de *O Paiz*).

⁷ O livro de Josué, na Bíblia, conta a vida deste herói do povo israelita, e a conquista de Canaã. Parece, pela referência ao sol, que Machado se lembrou do famoso episódio (Js 10:12-14) em que Deus fez parar o sol, no fim de uma luta contra os inimigos de Israel. Também há um eco de Eclesiastes 1:9: “Não há nada de novo debaixo do sol.” Para os combates liminhos, e a revolução peruana, ver a crônica anterior, nota 4. O telegrama que Machado cita apareceu n’*O Paiz* do dia 30 de março: “As autoridades sanitárias envidam grandes esforços para sanear esta cidade, empestada pelos cadáveres que durante longos dias estiveram apodrecendo ao ar livre.”

detestável fedor de gente morta não custa a vitória de um princípio. O conto é menos numeroso, e, seguramente, menos sublime; mas ainda assim ocupa lugar eminente nas obras de ficção. Nem é o tamanho que dá primazia à obra, é a feitura dela. O conto do vigário não é propriamente o de Voltaire, Boccaccio ou Andersen,⁸ mas é conto, um conto especial, tão célebre como os outros, e mais lucrativo que nenhum.

Pela minha parte não escrevo nada, limito-me a esta breve história da semana, em que tanta vez perco o fio, como agora, sem saber como passe do conto aos bichos. A proposta municipal para transformar o Jardim Jocológico em Jardim Zoológico, apresentada anteontem, até certo ponto ata-me as mãos; aguardo a votação do Conselho.⁹ Quando muito, visto que a proposta ainda não é lei, e ainda os bichos guardarão dinheiro, podia escrever uma petição em verso. Vi que esta semana a borboleta ganhou um dia. Juro-vos que não sabia da presença dela na coleção dos bichos recreativos, e não descrevo a pena que me ficou, porque a língua humana não tem palavras para tais lástimas.

Deus meu! a borboleta na mesma caixa do porco! O lindo inseto tão prezado de todos, e particularmente dos vitoriosos japoneses,¹⁰ agitando as asas naquele espaço em que costuma grunhir o animal detestado de Abraão, de Isaac e de Jacó! Onde nos levareis, anarquia da ética e da estética? Poetas moços, juntai-vos e componde a melhor das polianteias, um soneto único, mas um soneto-legião, em que se peça aos poderes da terra e do céu a exclusão da borboleta de semelhante orgia. Ganhe o pato, o porco, o peru, o diabo, que é também animal de lucro, mas fique a borboleta entre as flores, suas primas.



⁸ Grandes contistas: Voltaire (1694-1778), autor de *Candide* e *Zadig*; Giovanni Boccaccio (1313-1375), do *Decameron*; e Hans Christian Andersen (1806-1875), autor de numerosos contos de fada.

⁹ Machado se refere à proposta do Conselho Municipal do Rio de Janeiro de controlar o jogo, alegando que os donos do Jardim Zoológico tinham quebrado o contrato original; proposta apresentada no dia 29 de março. O texto está na primeira página da *Gazeta* do dia 30, assim como, sob o título “Drummondologia” (do nome do fundador do Jardim), uma descrição muito viva das cenas tumultuárias em Vila Isabel.

¹⁰ Na crônica de 28 de outubro de 1894, já se tratou da Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), em que o Japão se impôs como poder dominante no oeste do Pacífico. Em fevereiro de 1895, os chineses capitularam e pediram a paz. Com efeito, a borboleta tem muita importância nas artes e na poesia japonesas, significando entre outras coisas a eternidade (as borboletas guiam os espíritos dos mortos para o outro mundo), o sexo feminino, e o amor.